

Análise das transferências de valor resultantes do comércio internacional na China de 1995 a 2014

Beatriz de Souza Vidal¹

Rodrigo Straessli Pinto Franklin²

Rodrigo Emmanuel Santana Borges³

Everlam Elias Montibeler⁴

Resumo

Nas últimas décadas, a China adotou uma série de medidas econômicas e políticas para garantir sua ascensão como o centro de uma nova ordem mundial. Como consequência desse fenômeno, é natural esperar que o desempenho comercial do referido país venha se transformando, para se adequar à posição de receptora de valor (trabalho) via comércio internacional. A partir da aplicação do instrumental analítico desenvolvido na teoria da dependência, o presente trabalho tem por objetivo investigar se o perfil das transferências de valor da economia chinesa tem observado alguma modificação no passado recente que seja compatível com sua trajetória de ascensão hegemônica. Para tanto, serão calculados os montantes de transferências de valor via comércio internacional, contrastando-se os fluxos monetários das exportações e importações com os fluxos de trabalho incorporado nessas mesmas mercadorias, e analisando sua evolução para o período de 1995 a 2014 em termos de sua composição setorial e das parcerias comerciais.

Palavras-chave: China. Transferências de valor. Mercado mundial.

Analysis of Value Transfers Resulting from International Trade in China from 1995 to 2014

Abstract

In recent decades, China has adopted a series of economic and political measures to ensure its rise as the center of a new world order. As a consequence of this phenomenon, it is natural to expect that the trade performance of the mentioned country has been transforming to fit the position of receiving value (labour) through international trade. By applying the analytical tools developed in dependency theory, this paper aims to investigate whether the profile of value transfers from the Chinese economy has observed any modification in the recent past that is compatible with its trajectory of hegemonic ascension. To this end, the amounts of value transfers via international trade will be calculated, contrasting the monetary flows of exports and imports with the labour flows embodied in these goods, and analysing their evolution for the period from 1995 to 2014 in terms of their sectoral composition and trade partnerships.

Keywords: China. Value transfers. World market.

¹ Graduanda de Serviço Social na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica pelo CNPq.

² Doutor em Economia (UFRGS) e professor do Departamento de Economia da UFES.

³ Doutor em Economia Internacional e Desenvolvimento pela Universidad Complutense de Madrid, professor de Economia na Universidade do Distrito Federal (UnDF).

⁴ Doutor em economia aplicada pela Universidade Complutense de Madri e professor do Departamento de Economia da UFES.

1. Introdução

O cenário geopolítico atual se encontra em um momento de grande transformação. A até então sólida posição hegemônica ocupada pelos Estados Unidos da América começa a ser contestada por um conjunto de países emergentes guiados pela aliança China-Rússia, que defende o estabelecimento de uma nova ordem mundial multipolar. Entretanto, é evidente que nesse mundo “multipolar” um local de destaque será reservado para a economia chinesa — a economia que apresenta a mais sólida trajetória de crescimento já vista na história do capitalismo.

Para consolidar sua posição como uma nova hegemonia — mesmo que de forma não declarada —, o Estado chinês vem adotando uma série de medidas para seu fortalecimento político e econômico, estreitando seus laços com outras economias periféricas e apresentando-se como uma defensora do livre-comércio. Estas medidas estão no centro dos imbrólios que circundam a geopolítica mundial, principalmente quando voltadas para o desenvolvimento e a inovação tecnológica. A polêmica mais recente encontra-se na produção e distribuição de semicondutores (os chamados *chips*), poderosos artefatos que servem de base para toda a indústria mundial de produtos de informática. Atualmente, a China Continental não possui o monopólio desta tecnologia, uma vez que a grande maioria dos *chips* mais avançados do mundo são produzidos por uma empresa localizada em Taiwan, a TSMC. Entretanto, sabendo que a importação desta mercadoria específica é o que viabiliza a constante expansão tecnológica chinesa, os Estados Unidos têm tomado medidas para sustar o avanço do país na indústria de produtos de informática, estabelecendo sanções que proíbem a comercialização de *chips* para a China.

O processo de desenvolvimento da economia chinesa converge diretamente com a expectativa de transformação do desempenho comercial da China, a partir de sua adequação à posição de receptora de valor (trabalho) via comércio internacional — situação normalmente observada nas economias centrais. Neste contexto, este artigo analisa a trajetória dos fluxos de valor via comércio internacional para a economia chinesa em um período recente. Para tanto, a próxima seção joga luz ao amplo debate existente em torno do fenômeno das transferências de valor via comércio internacional. Na sequência, o texto realiza uma breve investigação acerca do processo de crescimento da economia chinesa, analisando quais as principais estratégias adotadas pelo Estado chinês que permitiram tal trajetória. A quarta seção é dedicada à apresentação da metodologia utilizada para os cálculos das transferências de valor. Por fim, a quinta seção refere-se à divulgação dos resultados: ao averiguar o perfil das exportações e importações, as mudanças nas relações comerciais e o impacto nas transferências de valor, visaremos constatar se, de fato, a posição da China tem se modificado para uma situação própria das economias centrais.

2. Discussão acerca das transferências de valor via comércio internacional

Respondendo a David Ricardo, o argentino Raúl Prebisch aponta em seu artigo “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas” as contradições que emergem da teoria das vantagens comparativas. No decorrer da obra, Prebisch argumenta que os preços das mercadorias exportadas pela América Latina caem mais rapidamente que os preços das mercadorias exportadas pelos países centrais, configurando uma “deterioração dos termos de troca” em desfavor dos países latino-americanos. Embora tenha realizado sua análise a partir dos preços, Prebisch foi responsável por, em 1949, identificar uma disfunção nas trocas internacionais que os teóricos marxistas até o momento não haviam conseguido captar.

O marxismo incorpora o debate da deterioração dos termos de troca pelas obras de Arghiri Emmanuel, que examina o fenômeno a partir dos valores, e não a partir dos preços. No livro “A troca desigual: ensaio sobre o antagonismo das relações econômicas internacionais”, publicado em 1962, Emmanuel assinala que a deterioração dos termos de troca seria, na realidade, a expressão de uma troca ampliada de desiguais quantidades de trabalho. Nesta perspectiva, a chamada “troca desigual” é causada, em suma, pela política de baixos salários estabelecida em países subdesenvolvidos, sendo um elemento capaz de bloquear o crescimento das nações alocadas na periferia do capitalismo. Nas palavras do autor:

Para além de toda e qualquer alteração de preços resultante de uma concorrência imperfeita no mercado das mercadorias, a troca desigual é a relação dos preços de equilíbrio que se estabelece em virtude da perequação dos lucros entre regiões com taxas de mais-valia “institucionalmente” diferentes — significando o termo “institucionalmente” que essas taxas escapam, seja por que razão for, à perequação concorrencial no mercado dos factores e são independentes dos preços relativos (EMMANUEL, 1973, p. 122).

Apesar de ter desempenhado um papel determinante na absorção do debate que visa desvendar as incongruências presentes nas trocas internacionais pela teoria marxista, diversos teóricos alertaram para o fato da tese de Emmanuel apresentar desvios significativos, motivados por juízos de valor adicionados à teoria. É nesse sentido que reside a contribuição teórica do economista francês Charles Bettelheim, que, somado às críticas, realizou uma releitura do fenômeno sugerido por Emmanuel, designando outra definição à troca desigual:

[...] Emprega-se esta expressão para dizer que, no mercado mundial, as nações pobres são obrigadas a vender o produto de um número relativamente grande de horas de trabalho para obterem em troca, das nações ricas, o produto de um número de horas de trabalho mais reduzido (BETTELHEIM, 1973, p. 26).

Assim, Bettelheim adverte para a necessidade de a discussão partir primeiramente da existência concreta do processo de transferência de valor via comércio internacional. Desse modo, os teóricos marxistas que já se dedicavam a compreender a relação de dependência entre economias

centrais e periféricas se debruçaram sobre o argumento de que a “troca desigual” decorrente do mercado mundial é um elemento que participa das mazelas dos territórios à margem do sistema capitalista. A categoria da dependência foi elaborada concomitantemente por três pensadores distintos: André Gunder Frank, Fernando Henrique Cardoso e Theotonio dos Santos.

O sociólogo brasileiro Theotonio dos Santos articulou em diversas obras sua própria concepção da dinâmica de interdependência entre as nações, com uma perspectiva voltada para a teoria do imperialismo. Segundo o autor, conforme o capitalismo monopolista se expande, é criada uma tendência global de falsa sensação de superação da relação colonizador e colonizado, quando, na verdade, o capital se ergue sobre o mercado interno das nações periféricas, delimitando novas relações de dependência. Ao encontro disso, está o fato dos países economicamente desenvolvidos possuírem os monopólios na dinâmica do mercado mundial, fazendo com que as nações periféricas desempenhem o papel de consumidoras desses monopólios.

Outro brasileiro a ser destacado é o cientista social Ruy Mauro Marini, que tratou de complementar a tese defendida por Theotonio dos Santos. Suas obras, também sob a ótica da teoria do imperialismo, abrigam categorias responsáveis por influenciar discussões até os dias atuais, até para além da teoria da dependência⁵. Marini aponta que, conforme as operações no mercado mundial seguem a lógica da troca desigual, uma quantidade substancial de excedente é transferida para as economias centrais, ocasionando a redução das taxas de lucro obtidas pelos capitalistas das nações periféricas. Um dos mecanismos essenciais de compensação seria a utilização por esses capitalistas do artifício da redução dos salários e do aumento da jornada de trabalho, configurando-se na chamada *superexploração* dos trabalhadores.⁶

Também é indispensável considerar o ponto de vista dos autores que se contrapõem à hipótese de que a troca desigual no âmbito do comércio internacional resulta no subdesenvolvimento. Os defensores da chamada teoria clássico-marxista das vantagens absolutas argumentam que as trocas de não equivalentes devem ser vistas não como causa da desigualdade entre os países, mas como consequência. A causa dessa disparidade entre as nações precisa ser investigada na esfera do processo de acumulação de capital, que por si só pressupõe a desigualdade (RODRIGUES, 2014).

Entretanto, independente se o evento troca desigual é a causa ou a consequência do subdesenvolvimento, ele influencia a própria dinâmica econômica, sendo necessários maiores estudos para a melhor compreensão do fenômeno, com a finalidade de, justamente, entender quais aspectos da economia sofrem sua influência. Dessa forma, é possível compreender a troca desigual como o processo no qual podemos identificar uma mercadoria qualquer sendo trocada por uma

⁵ Para uma síntese da trajetória e desafios da teoria marxista da dependência, cf. Borges (2022).

⁶ Importante pontuar que a perspectiva de Marini é oposta a de Emmanuel: enquanto para Emmanuel a troca desigual ocorre em decorrência dos baixos salários, para Marini os baixos salários ocorrem em decorrência da troca desigual.

quantidade determinada de dinheiro incapaz de exprimir seu valor efetivo. Uma vez que existe uma distinção entre os preços e os valores das mercadorias, os preços se distribuem de maneira desigual entre os países, gerando um fenômeno de transferência de valor. Assim, não se trata concretamente de uma troca desigual, mas de transferências de valor via mercado mundial.

Todos os fatores que influenciam a distinção entre preços e valores podem ser causa de “troca desigual” se forem distribuídos desigualmente entre os países. Neste sentido, é possível citar a intensidade do trabalho, a produtividade do trabalho, os preços de produção (composição orgânica, taxa de exploração, rotação do capital etc.), os monopólios e o câmbio.

Portanto, como objetivo de pesquisa, delimitamos um processo investigativo que aponte: as estratégias adotadas pelo Estado chinês para seu crescimento econômico; a posição ocupada pela China no comércio internacional, apurando os dados que remontam suas exportações, importações e principais parceiros comerciais; a ocorrência do fenômeno de transferências de valor via comércio internacional, averiguando se existem alterações atribuídas ao processo de transição da economia chinesa, de um país subdesenvolvido para um país que disputa pela hegemonia global.

3. O crescimento da economia chinesa

Embora as relações capitalistas de produção e de troca e a lei do valor sejam preponderantes no mundo contemporâneo, é possível observar a existência de projetos nacionais e formações econômico-sociais não-capitalistas. Atualmente, o sistema denominado *socialismo de mercado* aparece como uma alternativa viável ao sistema capitalista, uma vez que, ao se consolidar em países como China, Vietnã e Laos, conseguiu manter um ritmo notável de desenvolvimento econômico e humano. A partir da literatura recente, o socialismo de mercado é compreendido como um sistema socioeconômico nacional misto, onde ocorre a transição socialista enquanto podem ser observados: o planejamento e o controle estatal direto e indireto dos meios de produção; a preservação a curto prazo dos mecanismos de mercado baseados nos preços e na lei do valor (JABBOUR; GABRIELE, 2021).

Seguindo a lógica do modo de produção capitalista, a propriedade privada dos meios de produção possibilita a exploração da força de trabalho através da expropriação da mais-valia, uma vez que o excedente expropriado pela classe burguesa é maximizado e transformado em lucro privado. No caso da China, é possível notar a existência de uma combinação de diversas formas de propriedade — incluindo da propriedade privada, uma vez que todas as características do sistema capitalista não são passíveis de superação a curto prazo. Esta combinação, que não se trata de uma exclusividade da economia chinesa, foi extremamente útil ao desenvolvimento de suas forças produtivas. Entretanto, o Estado faz com que todas essas formas de propriedade gravitem, cada vez mais, em torno do setor estatal da economia, viabilizando a ampliação do controle do Estado sobre a

atividade produtiva através da amplificação do retorno da mais-valia para o trabalhador na forma de bens e serviços, em particular via política social pública.

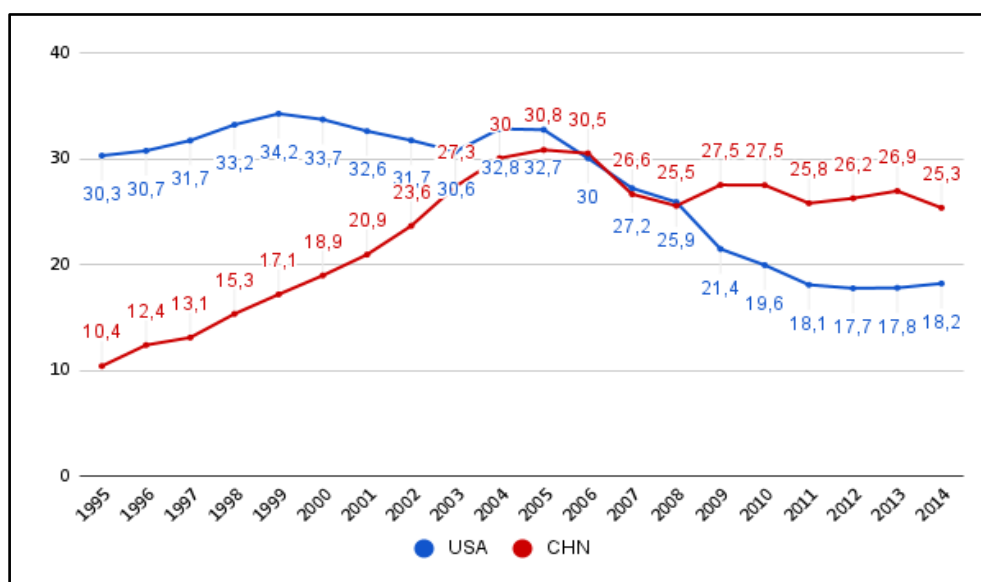
Sendo assim, embora na China haja a propriedade privada dos meios de produção, é possível afirmar que ela segue uma lógica diferente da que pode ser observada em países capitalistas. Verificando mais a fundo os condicionantes históricos que propiciaram essa característica à economia chinesa, é necessário retomar o legado das reformas promovidas pelo Partido Comunista após a fundação da República Popular da China, em 1949. Visando o desenvolvimento de uma maior autonomia política e econômica, as diversas reformas que marcaram as décadas posteriores à Revolução estabeleceram um novo modelo de organização da vida social, modificando profundamente as relações sociais de produção. Neste sentido, uma reforma em particular — a reforma agrária — foi responsável por alterar a dinâmica da propriedade privada dos meios de produção, uma vez que concedeu ao Estado a posse integral da terra, possibilitando a expropriação dos grandes latifúndios e a distribuição efetiva das terras entre os camponeses. Portanto, diferentemente das políticas de reforma agrária que ocorreram em países capitalistas, a reforma agrária não se limitou a atuar na manutenção da propriedade privada dos meios de produção. Assim, embora ainda exista essa forma de propriedade na China, é a forma estatal de propriedade a grande responsável por determinar os rumos do processo de acumulação.

Como principal estratégia para o fortalecimento político da China, o Estado se apoia nos chamados grandes conglomerados empresariais estatais, formas específicas de propriedades que, como dito anteriormente, representam a base material do poder político. Este conjunto de empresas não-capitalistas orientadas para o mercado operam em setores estratégicos da economia, gerando ciclos de acumulação e demandas para o setor privado. Além disso, são responsáveis por executar as principais tarefas do Estado, uma vez que estão subjugadas ao planejamento estatal — elemento apontado como indispensável na condução da humanidade para a superação do sistema capitalista, sendo o contraponto à irracionalidade da produção e à anarquia de mercado. Assim, com a racionalidade sendo utilizada como instrumento de governo, o Estado se tornou capaz de exercer um amplo controle sobre os componentes fundamentais da economia, investindo em inovações tecnológicas disruptivas e se utilizando do mercado e da lei do valor em favor da sociedade.

Finalmente, a China também dispõe de um poderoso setor financeiro público, composto basicamente por 30 bancos de desenvolvimento (ou seja, bancos voltados para investimento a longo prazo), que protegem a moeda das típicas flutuações do sistema financeiro internacional, garantindo sua soberania. Nota-se, portanto, que o Estado independe da iniciativa privada para atender seus interesses, uma vez que possui um setor financeiro de caráter público e a imensa capacidade de mobilizar capital conforme as demandas populacionais.

Assim, a partir da adoção deste conjunto de estratégias, os autores argumentam que as restrições impostas pelo metamodo⁷ de produção poderão ser superadas a longo prazo. Entretanto, a curto prazo, já conferimos resultados positivos: a economia chinesa experimentou a mais sólida trajetória de crescimento já vista na história do capitalismo, saindo de um cenário de extrema pobreza para se tornar a segunda maior economia mundial. Diversos dados disponibilizados pelo Banco Mundial apontam nessa direção. Com relação ao PIB *per capita*, por exemplo, é possível observar que houve um crescimento exponencial, saindo de U\$194,8 em 1980 para U\$12.720 em 2022. Além disso, foi possível verificar uma diminuição significativa da pobreza: mesmo a partir de métodos mais conservadores (que contabilizam como população abaixo da linha da pobreza aqueles que recebem menos de U\$6,85 por dia), os índices caem de 73% da população total em 1990 para 6% em 2019. Já em estimativas que consideram como população abaixo da linha da pobreza os que recebem menos que o montante de U\$2,15 diários, a redução é total, saindo de 28,3% em 1990 para 0% ainda em 2019.

Gráfico 1 – Índice das exportações de alto conteúdo tecnológico, China e Estados Unidos (%) - 1995 a 2014



Fonte: Banco Mundial (2023). Elaboração própria.

Somado aos fatos supratranscritos, também é indispensável pontuar a posição privilegiada que as exportações de alto conteúdo tecnológico ocupam na dinâmica da economia chinesa, a partir tanto da intensificação da demanda global por tecnologia, quanto do aprimoramento da indústria tecnológica chinesa. Conforme os dados recolhidos do Banco Mundial que remontam o período de 1995 a 2014 (Gráfico 1), é possível notar uma expressiva evolução da China neste aspecto, principalmente em comparação com os Estados Unidos: enquanto o país norte-americano apresenta

⁷ Entende-se por metamodo de produção a própria lei do valor; as relações sociais estabelecidas apenas a partir das mercadorias, fundando a exploração mediante o trabalho assalariado. (JABBOUR; GABRIELE, 2021)

um declínio contínuo (especialmente após a Crise do *Subprime*, em 2008), passando de 30,3% em 1995 para 18,2% em 2014, a China avança de 10,4% para impressionantes 25,3%.

Portanto, considerando o período histórico de ascensão da economia chinesa e sua atual posição de destaque na geopolítica atual, a próxima etapa consiste em verificar as transações comerciais da China: a partir dos índices que retratam as exportações e importações, será possível averiguar se o país apresenta alterações significativas no processo de transferências de valor, tanto na esfera de sua produção quanto na esfera da absorção.

4. Método para o cálculo das transferências de valor

Embora tenha observado uma significativa evolução em anos recentes, não existe um consenso efetivo quanto ao método para a análise dos fluxos de valor derivados dos processos das trocas internacionais de mercadorias. Contudo, para realizar tal análise, o presente artigo se valerá da metodologia desenvolvida nos trabalhos de Franklin (2015), Franklin e Borges (2020) e Franklin et al. (2022). Esta parte da contribuição seminal de Wassilyovitch Leontief (1983), aprimorada pelos trabalhos de Ochoa (1989) e Shaikh e Tonak (1994).

Como dito anteriormente, as transferências de valor resultantes do comércio internacional derivam das distinções entre os preços de mercado e a grandeza do valor das mercadorias transacionadas. Ao contrastar essas duas magnitudes, é possível perceber a parcela do valor que é transferida via comércio sem o recebimento de uma contrapartida equivalente. Assim, o procedimento consiste em três etapas: a soma dos montantes monetários, o cálculo do trabalho incorporado nesses produtos e o contraste entre os dois montantes.

A soma dos montantes monetários transacionados (a soma dos preços de mercado) será obtida a partir de dados detalhados de matrizes insumo-produto multirregionais. Uma matriz insumo-produto multirregional (Figura 1) mostra a interdependência setorial tal como ocorre entre distintas regiões economicamente relacionadas. A partir daí, é possível observar as transações inter-regionais de mercadorias nos pontos de interseção entre as distintas regiões. Tal como indicado na Figura 1, a soma dos valores apresentados nas áreas da matriz indicadas por “PaísA→PaísB” apresentam as exportações em termos monetários de A para B, enquanto que as importações referem-se às células indicadas por “PaísB→PaísA”.

Figura 1 – Modelo simplificado de matriz insumo-produto multirregional

		Consumo Intermediário						Demanda						Produto Total	
		País A			País B			País A			País B				
		Setor 1	Setor 2	...	Setor 1	Setor 2	...	Consumo Final	Capital Fixo	Estoque	Consumo Final	Capital Fixo	Estoque		
Consumo Intermediário	País A	Setor 1				País A → País B						País A → País B			
		Setor 2													
	⋮														
	País B	Setor 1	País B → País A						País B → País A						
Setor 2															
⋮															
Valor Agregado	Salários														
	Lucros														
Produto Total															

Fonte: Franklin (2015).

Para o cálculo do trabalho incorporado nessas mesmas mercadorias transacionadas, é necessário converter a referida matriz multirregional monetária para uma matriz em termos de valor trabalho. A grandeza do valor de uma mercadoria é determinada por todo o tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção, isto é, não só o tempo despendido na última etapa do processo produtivo, mas também o trabalho incorporado nos insumos utilizados e na parcela do capital depreciado. Em termos matriciais, podemos expressar essa relação por:

$$v = a_0(I - A - D)^{-1} \quad (1)$$

Onde:

v é o vetor que representa o valor por unidade de produto de cada setor/país;

a_0 é o vetor dos requerimentos diretos de trabalho;

A é a matriz de coeficientes técnicos;

D é a matriz de coeficientes de capital;

I é uma matriz identidade.

A partir da multiplicação de cada linha da matriz multirregional monetária pela coluna respectiva do vetor de valores por unidade de produto (v), obtemos a reprodução dessa matriz em termos de horas de trabalho. Com isso, é possível calcular, do mesmo modo como feito para os fluxos monetários das exportações e importações, o montante de horas de trabalho transacionadas entre países.

O passo final consiste no contraste entre esses dois montantes (monetário e valor). Nesse ponto, é importante lembrar que as trocas de mercadorias são mediadas pelo dinheiro ($M - D - M$),

sem a necessidade de que a primeira metamorfose ($M - D$) seja imediatamente sucedida pela segunda ($D - M$). Isso resulta, concretamente, em trocas internacionais com montantes monetários desiguais, de modo que uma determinada nação possa se encontrar em uma posição superavitária ou deficitária conforme o montante de suas exportações seja maior ou menor do que de suas importações. Assim, uma análise da transferência de valor resultante do comércio internacional não pode se fundar unicamente na comparação entre as grandezas trocas, já que uma maior absorção de valor por uma nação pode resultar naturalmente de um superávit na balança comercial.

Para observar esse efeito é preciso compreender que a transferência de valor ocorre nas duas etapas do processo de metamorfose das mercadorias ($M - D$ e $D - M$). Quando vendem suas mercadorias, os capitalistas obtêm em troca uma quantidade de dinheiro que expressa o seu preço, mas uma grandeza de valor potencialmente distinta da que possuem. Do mesmo modo, quando compram mercadorias com o dinheiro que obtiveram na venda, trocam magnitudes iguais em termos monetários, mas desiguais em termos de horas de trabalho.

Portanto, deve-se levar em consideração o valor expresso pelo dinheiro. Uma forma razoável de solucionar esse impasse consiste em considerar o dinheiro como expressão do poder de compra tal qual se observa nas próprias transações internacionais. Para tanto, calcula-se o coeficiente de preços diretos das exportações (k), que representa a quantidade de trabalho adquirida para cada unidade monetária transacionada no mercado mundial:

$$k = \frac{\sum(X^h)}{\sum(X^s)} \quad (2)$$

Utilizando esse coeficiente de preços diretos para converter os montantes monetários das exportações (X^s) e importações (M^s) nas horas de trabalho que eles representam, e contrastando esses dados com as horas de trabalho requeridas para a produção dessas exportações (X^h) e importações (M^h), é possível calcular o saldo das transferências de valor que resultam do comércio internacional para cada país:

$$\text{Saldo}_{\text{país}} = (kX_{\text{país}}^s - X_{\text{país}}^h) + (M_{\text{país}}^h - kM_{\text{país}}^s) \quad (3)$$

Esse saldo final de cada nação representa o montante de horas de trabalho que foram recebidas (se positivo) ou enviadas (se negativo) para as demais economias do mundo sem contrapartida equivalente. Uma análise desagregada desses dados permite avaliar esse desempenho para cada setor, para as exportações e importações separadamente e para cada parceiro comercial.

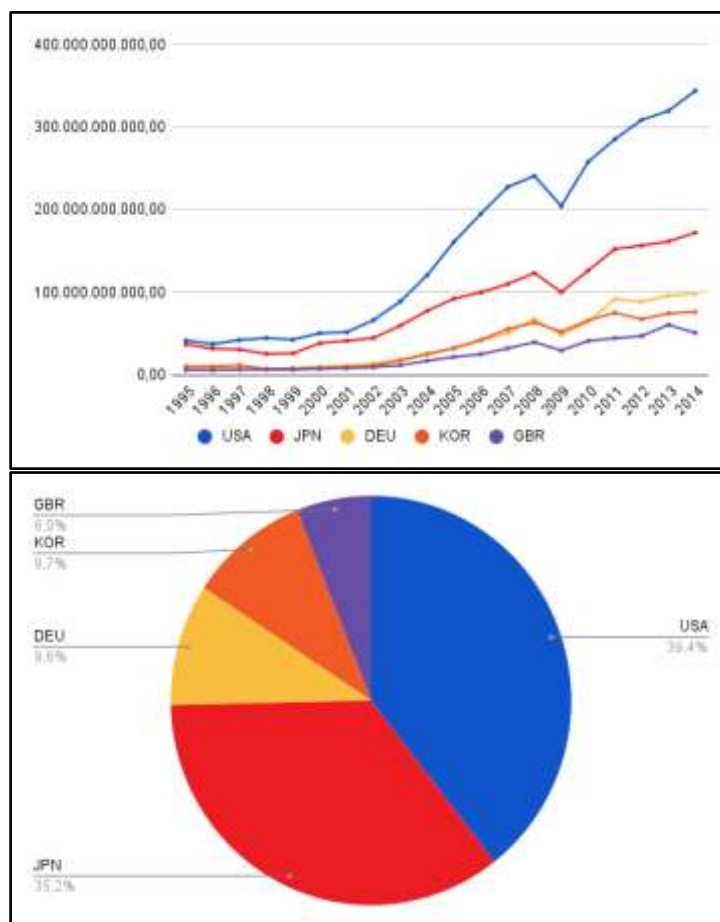
Para o presente trabalho, a metodologia explicitada será aplicada à duas bases de dados: WIOD13 e WIOD16 (TIMMERS et al., 2015;2016), que remontam, respectivamente, aos períodos

de 1995 a 2007 e 2000 a 2014. As duas contêm informações sobre matrizes insumo-produto multirregionais para mais de 40 países, além de informações sobre o “resto do mundo” dividido em 5 regiões.

5. Resultados para a economia chinesa de 1995 a 2014

Em primeiro lugar, faz-se necessário retomar o argumento de que o processo de crescimento da economia chinesa é de natureza concreta e objetiva, apresentando, portanto, *materialidade*. O argumento supracitado encontra sustentação nos gráficos apontados a seguir, que demonstram a ampliação quantitativa e qualitativa das exportações e importações chinesas nos últimos anos, bem como as mudanças na pauta exportadora a partir dos principais parceiros comerciais e da composição setorial. Além disso, para identificar efetivamente as transferências de valor via comércio internacional, foram elaborados gráficos que situam a proporção individual dos setores e países para as exportações e importações totais. Sendo assim, é necessário analisar primeiramente as exportações chinesas, a partir dos gráficos a seguir:

Gráfico 2 – Exportações dos setores produtivos (preços de mercado) - 1995 a 2014

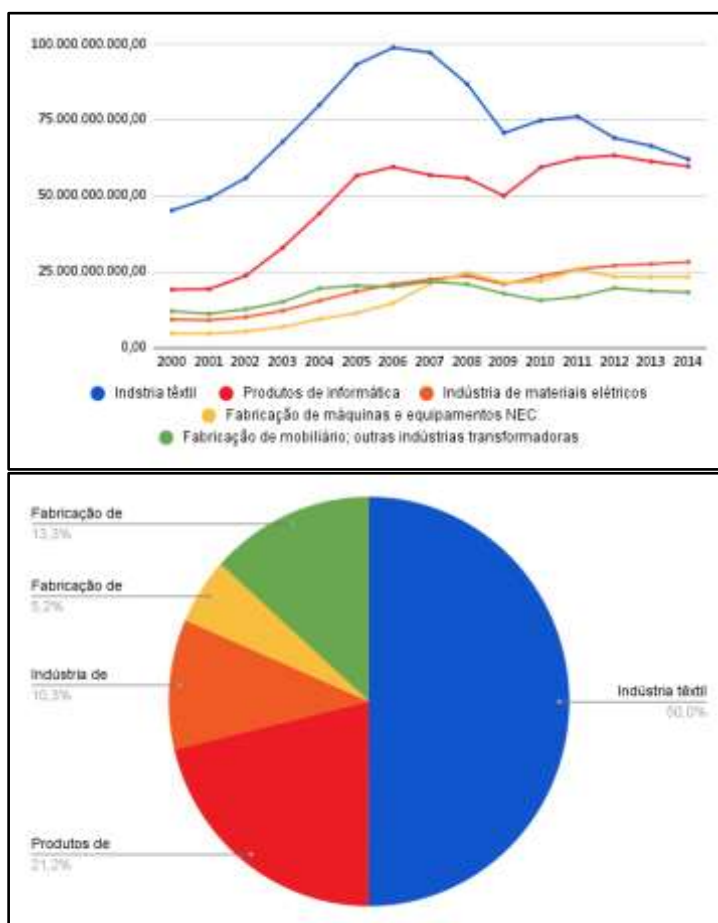


Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

As exportações dos setores produtivos (retratadas no Gráfico 2) evidenciam a ampliação das exportações em seu sentido amplo, para todos os parceiros comerciais. Entretanto, faz-se necessário

destacar a notória intensificação das trocas para os Estados Unidos (que em 2014 já era considerado o principal destinatário das mercadorias chinesas, representando 39,4% das exportações totais) e para o Japão (que, perdendo apenas para o país norte-americano, representava, à época, 35,2% das exportações totais). Este aumento deve ser atribuído, em parte, pelo ingresso da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2002, o que facilitou o estabelecimento de novas relações comerciais e a solidificação de relações comerciais já existentes.

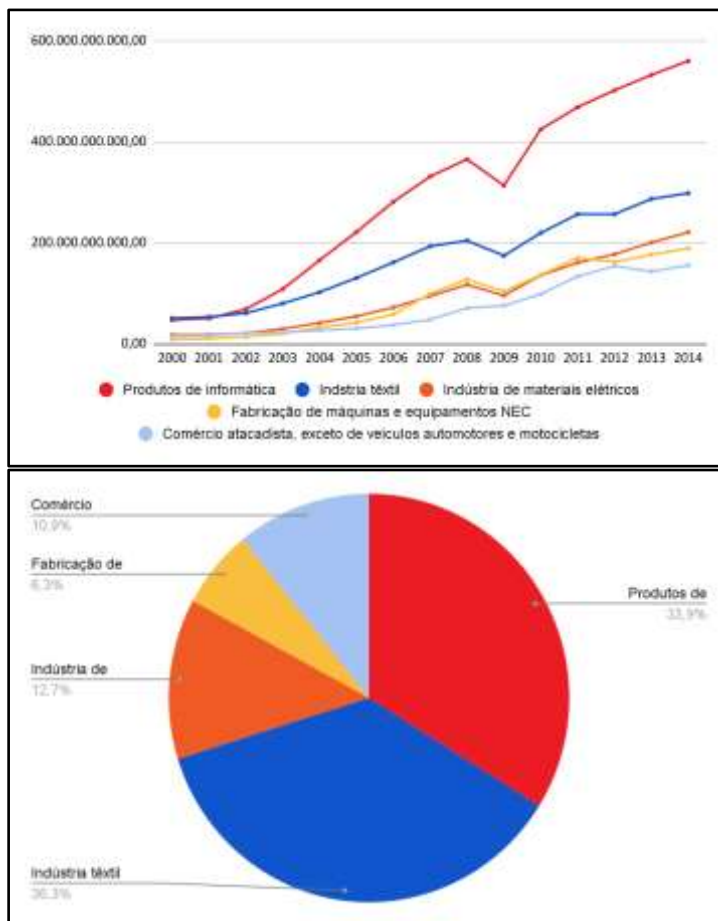
Gráfico 3 – Exportações de bens e serviços (magnitude de valor) - 2000 a 2014



Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Somado a este elemento, ao analisar os índices das exportações de bens e serviços em magnitude de valor, situados no Gráfico 3, verificamos que os seguintes setores são os maiores responsáveis pelo envio de horas de trabalho: indústria têxtil, que representa 50% das horas enviadas; produtos de informática, representando 21,2% das horas totais; indústria de materiais elétricos; fabricação de máquinas e equipamentos NEC; fabricação de mobiliário e outras indústrias transformadoras. Faz-se necessário pontuar que, destes setores específicos, aqueles classificados como setores de alto ou médio conteúdo tecnológico devem ser considerados estratégicos para a dinâmica de transferências de valor, uma vez que possuem naturalmente uma maior composição orgânica de capital — condição que, como dito anteriormente, influencia diretamente tal processo.

Gráfico 4 – Exportações de bens e serviços (US\$) - 2000 a 2014

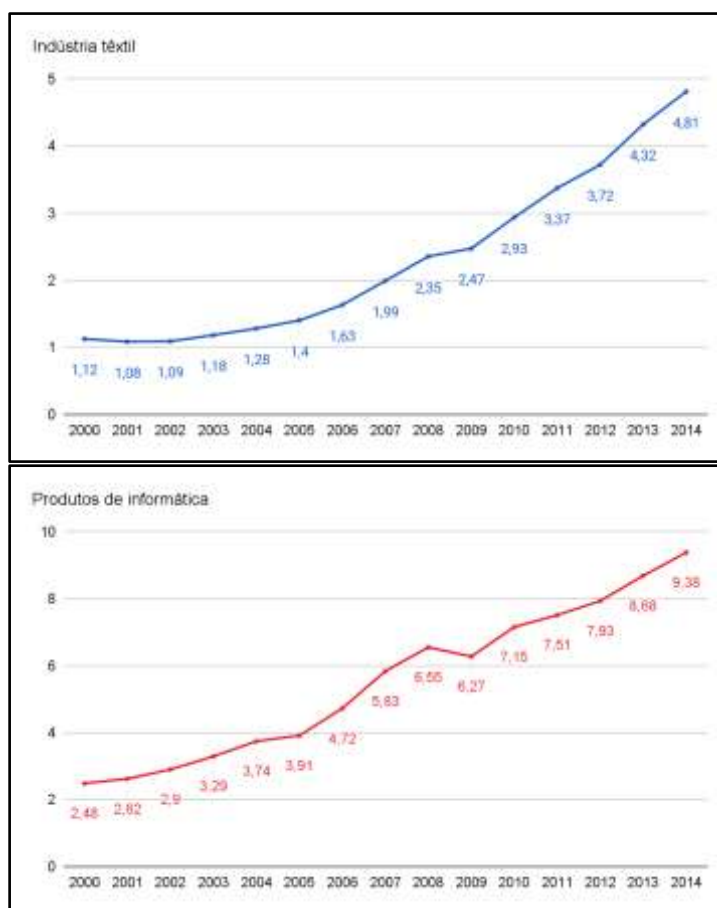


Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

A análise do Gráfico 4 nos permite visualizar as exportações de bens e serviços em dólares americanos, ou seja, nos permite dimensionar a quantidade exata de dinheiro recebido pela China através do envio de horas de trabalho para cada setor individualmente. Assim, o contraste entre essas duas dimensões se configura na peça-chave para identificar o processo de transferências de valor, uma vez que nos permite observar *quanto* está sendo pago por hora para cada setor. Tendo este gráfico em vista, é fundamental destacar o crescimento do volume de dinheiro pago pelas horas derivadas de dois setores específicos: o setor de indústria têxtil e principalmente, do setor de produtos de informática⁸. Mesmo ocorrendo em ritmos distintos, este crescimento indica uma importante ampliação do dinheiro pago para cada hora de trabalho enviada por esses dois setores, impactando diretamente no processo de transferências de valor, como veremos adiante. Conforme o gráfico a seguir:

⁸ A disparidade observada a partir da comparação entre os Gráficos 3 e 4 para este setor em especial indica que a China lucra substancialmente com a quantidade de horas de trabalho que envia por este setor, diferentemente do que observamos ao realizar uma comparação similar com o setor de indústria têxtil. Somado a este fator, é importante ressaltar que se trata de um setor com um alto conteúdo tecnológico, capaz de influenciar diretamente na dinâmica de transferências de valor via mercado mundial.

Gráfico 5 – Relação entre o dinheiro pago pelas exportações e as horas de trabalho nos setores de indústria têxtil e produtos de informática - 2000 a 2014

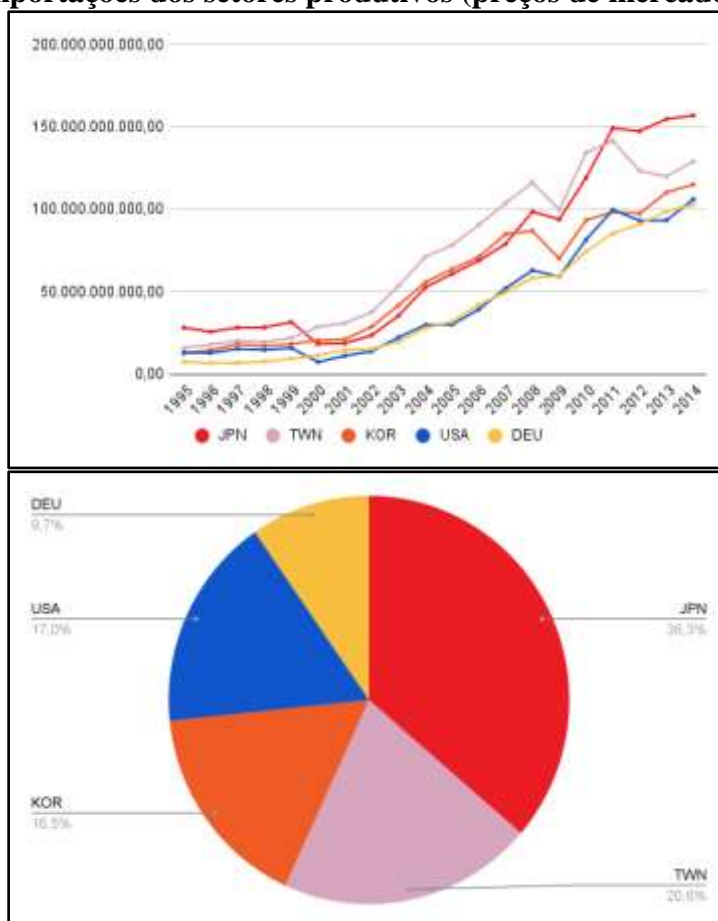


Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Neste sentido, no setor da indústria têxtil, observamos um crescimento significativo dos dólares pagos para cada hora de trabalho a partir de 2004: ao sair de 1,12 dólares pagos por hora para 4,81, observamos um aumento de 327,14%. Com relação ao setor de produtos de informática, é possível identificar uma margem de crescimento de 277,55%, saltando de 2,48 dólares por hora para 9,38. Portanto, sendo dois setores com posições de destaque na dinâmica de exportação, fica evidente que as melhorias observadas até o momento estão em consonância com a trajetória de crescimento da economia chinesa, bem como toda e qualquer melhora no processo de transferências de valor via comércio internacional.

Seguindo a lógica de análise das exportações, o próximo passo consiste na averiguação aprofundada das importações chinesas, a fim de identificar as mudanças relevantes ocorridas no período de 1995 a 2014:

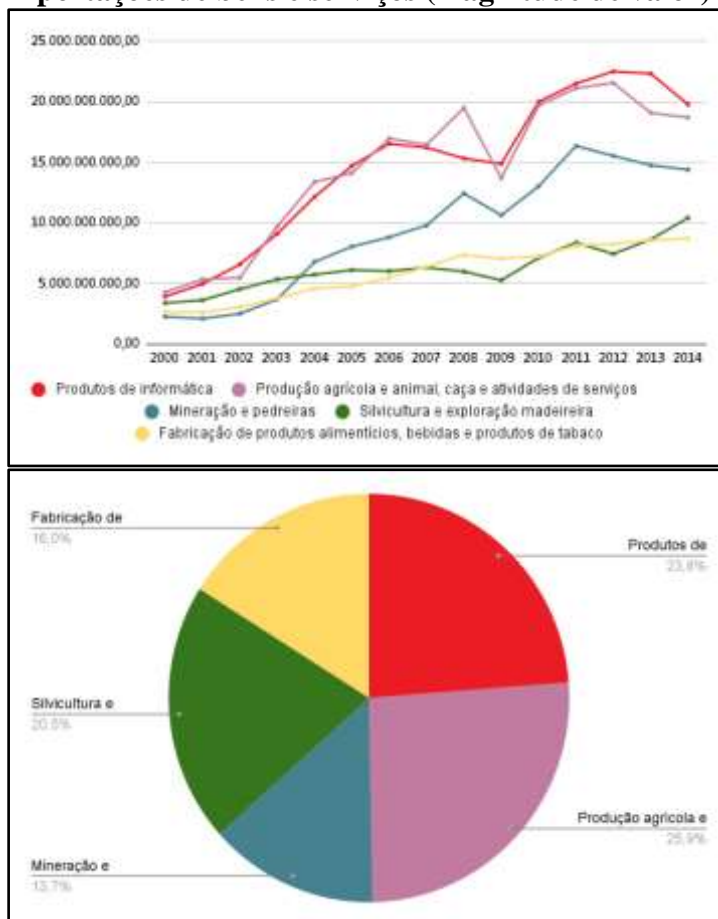
Gráfico 6 – Importações dos setores produtivos (preços de mercado) - 1995 a 2014



Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

O Gráfico 6, que trata das importações dos setores produtivos, demonstra um crescimento exponencial das importações com origem em todos os cinco países principais — diferentemente da notória hegemonia entre Estados Unidos e Japão observada no gráfico que trata das exportações dos setores produtivos. Neste caso, é possível perceber que, a partir dos anos 2000, há uma permanente disputa entre três deles: o Japão (que em 2014 ocupava o posto de principal país importador, com 36,3% das importações totais), Taiwan (com 20,6% das importações) e a Coreia (compondo 16,5% das importações). Quanto à ampliação da importação de mercadorias produzidas em Taiwan a partir dos anos 2000, devemos inevitavelmente atribuí-la à conjuntura colocada de dependência da China à tecnologia taiwanesa de semicondutores, conforme abordado anteriormente.

Gráfico 7 – Importações de bens e serviços (magnitude de valor) - 2000 a 2014

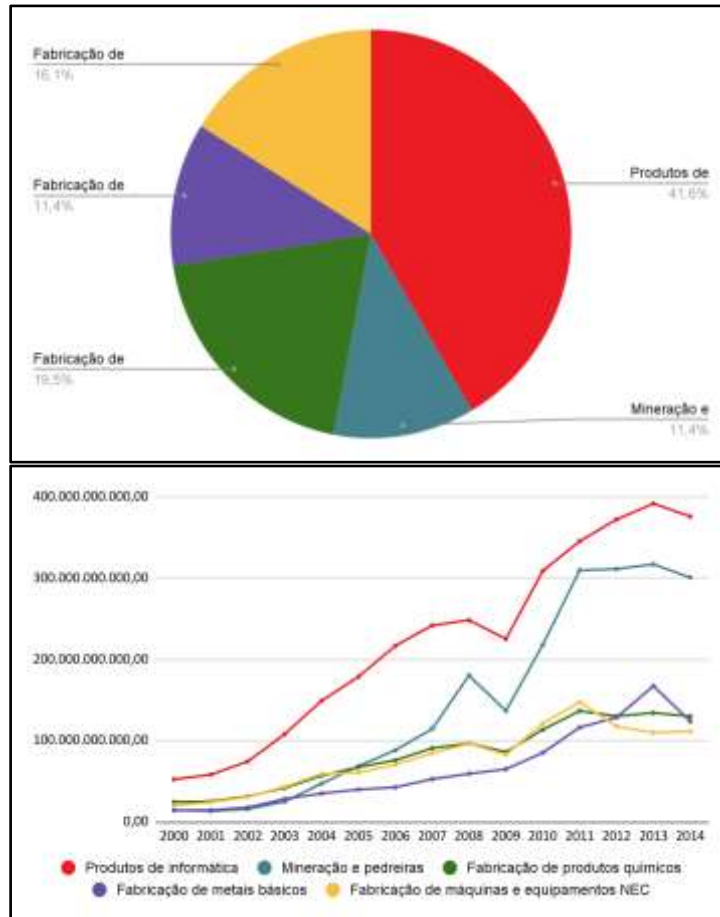


Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Este fato se mostra ainda mais evidente ao analisar o gráfico que remonta as importações de bens e serviços em magnitude de valor (Gráfico 7), ao verificar que o setor que mais apresentou crescimento nos últimos anos foi justamente o de produtos de informática⁹. Sendo primordial para a construção de toda e qualquer inovação tecnológica capaz de posicionar a China no páreo na disputa pela hegemonia global, notamos a partir do Gráfico 8 que a China não poupa recursos para investir neste setor: diferentemente do que observamos na comparação entre os Gráficos 3 e 4, neste caso a China *paga mais* por uma quantidade inferior de mercadorias deste setor importadas.

⁹ Trata-se de uma exceção. Todos os outros setores pelos quais a China importa horas de trabalho contém um baixo conteúdo tecnológico: produção agrícola e animal, caça e atividades de serviços relacionados; mineração e pedreiras; silvicultura e exploração madeireira; fabricação de produtos alimentícios, bebidas e produtos de tabaco.

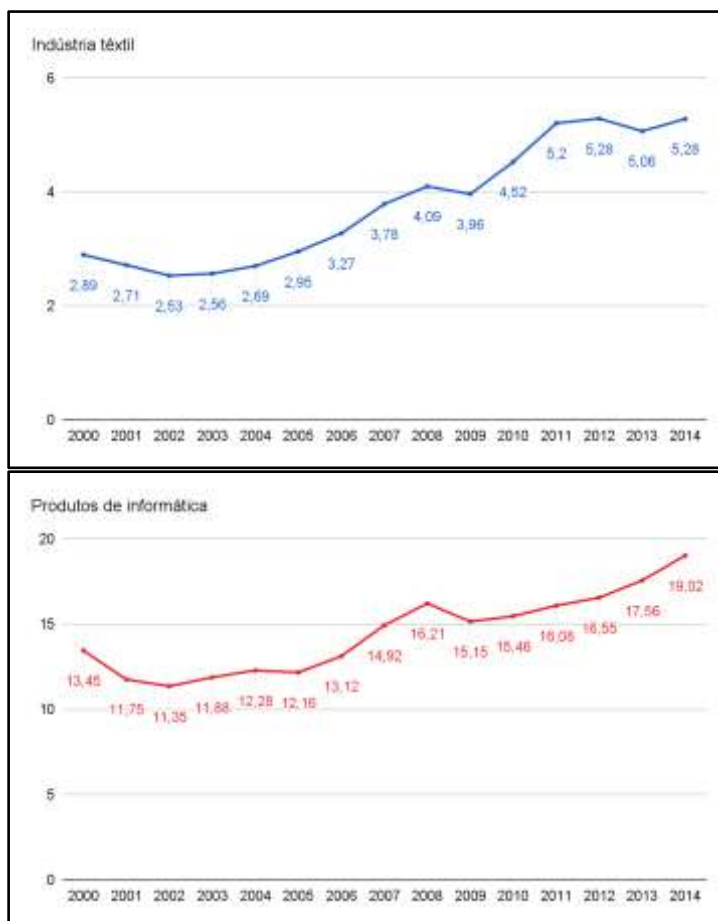
Gráfico 8 – Importações de bens e serviços (US\$) - 2000 a 2014



Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Neste sentido, também observamos uma ampliação dos dólares pagos para cada hora de trabalho importada no setor de produtos de informática e indústria têxtil. Conforme realizado na análise das exportações, a mesma proporção foi elaborada para as importações:

Gráfico 9 – Relação entre o dinheiro pago pelas importações as horas de trabalho nos setores de indústria têxtil e produtos de informática - 2000 a 2014



Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

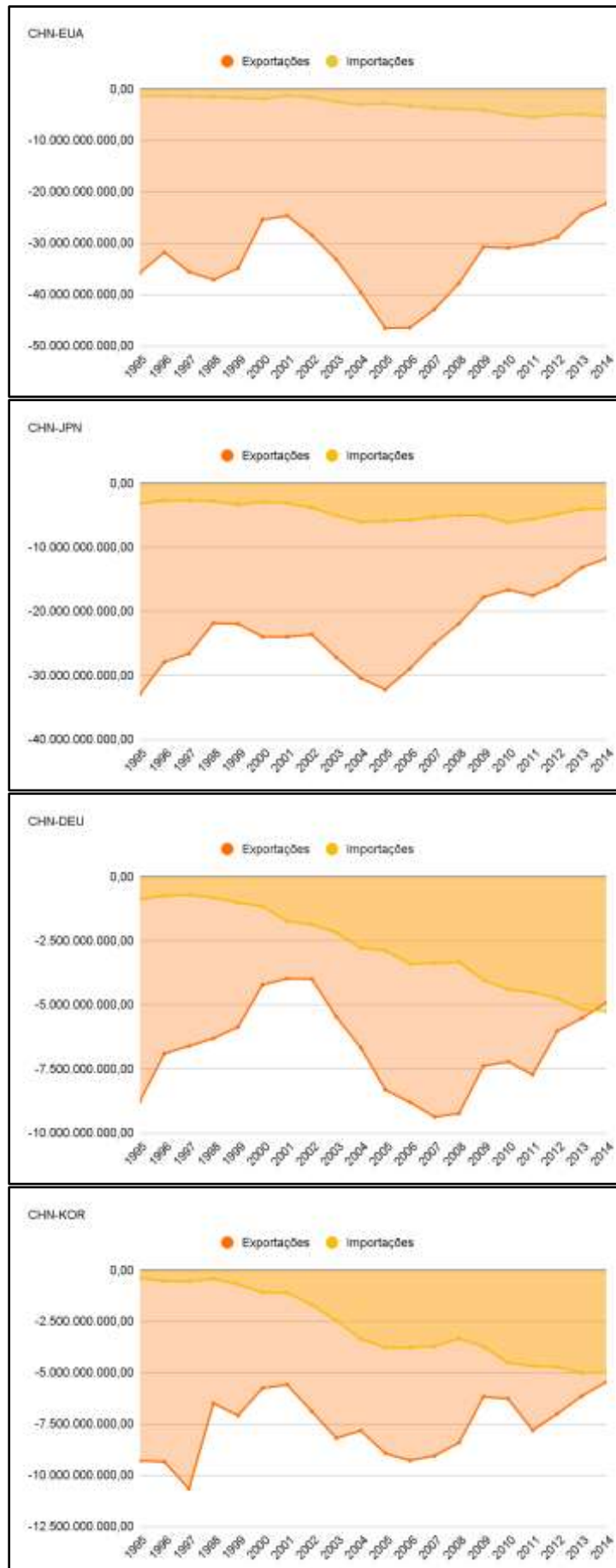
Nota-se a partir do Gráfico 9 que há também uma ampliação na quantidade de dólares pagos por horas de trabalho advindas das importações no setor de indústria têxtil: enquanto no ano 2000 era pago US\$2,89 para cada hora trabalhada neste setor, em 2014 observamos uma ampliação de 82,33% deste valor, com US\$5,28 por hora. No setor de produtos de informática, este crescimento também se mostra expressivo, saltando de 13,45 dólares por hora para 19,02 em 2014, representando um aumento de 41,43%. Note-se, porém, como tais aumentos são inferiores, em termos relativos, àqueles indicados para as exportações.

Portanto, como sinalizado anteriormente, as alterações observadas nas dinâmicas de exportação e importação parecem alinhar-se ao esperado com o exitoso processo de desenvolvimento da economia chinesa. Partindo deste entendimento, é necessário ter como etapa seguinte a averiguação das possíveis alterações no processo de transferência e absorção de horas de trabalho pela China, a partir da análise individual da evolução das transferências de valor derivadas das exportações e importações, realizada através da combinação destes índices específicos.

Quatro países foram alvos dessa análise, tendo como critério a posição ocupada nos índices: os Estados Unidos, que lidera a absorção de transferências derivadas das exportações chinesas e aparece como o segundo país que mais transfere horas para a China a partir das importações; o

Japão, que ocupa o segundo lugar como país que mais absorve horas a partir das exportações chinesas e aparece como o quarto país que mais transfere horas para a China a partir das importações; a Alemanha, que lidera as transferências derivadas das importações e aparece como o quinto país que mais recebe horas da China a partir das exportações chinesas; e a Coreia, que aparece em terceiro lugar no ranking de países que mais transfere horas para China mediante importações e é o quarto país que mais recebe horas de trabalho da China através das exportações. Conforme os gráficos a seguir:

Gráfico 10 – Transferências de valor entre a China e seus principais parceiros comerciais (magnitude de valor) - 1995 a 2014

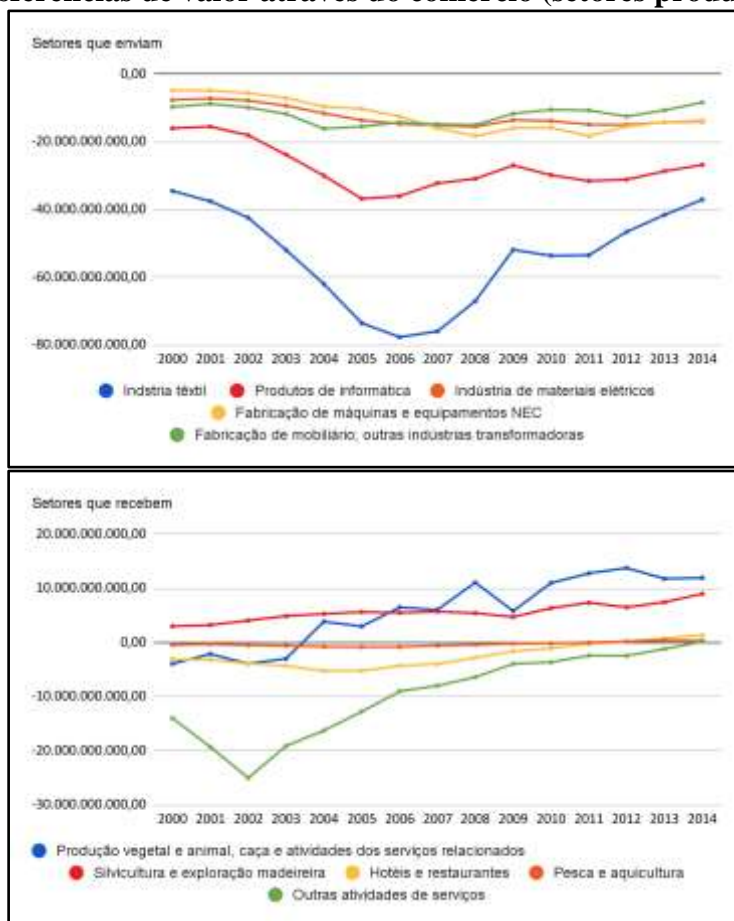


Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Neste sentido, tudo no Gráfico 10 situado na cor laranja refere-se às horas de trabalho transferidas da China para os países selecionados, a partir das exportações; em contrapartida, tudo aquilo situado na cor amarela representa as horas de trabalho absorvidas pela China a partir das importações realizadas com os países selecionados. Percebe-se, portanto, que as exportações são as maiores responsáveis pelo processo de *transferência* de valor da China para os outros países, e os países que mais recebem horas de trabalho da China são o Japão e os Estados Unidos, respectivamente. Por outro lado, as importações são responsáveis pela *absorção* de valor da China, e os países que mais transferem horas trabalhadas para a China são, respectivamente, os Estados Unidos e a Alemanha. Mesmo assim, em todos os casos analisados percebemos a *redução das transferências* e o *aumento do recebimento de valor*, seja em maior ou menor grau. Embora em alguns casos a redução das transferências nas exportações sejam mais significativas do que o ganho nas importações, todos seguem a mesma tendência de melhora evidente da China.

A composição setorial das transferências de valor para o período de 2000 a 2014 também merece destaque:

Gráfico 11 – Transferências de valor através do comércio (setores produtivos) - 2000 a 2014



Fonte: Franklin, Borges, Sánchez & Montibeler (2022). Elaboração própria.

Verifica-se a partir do Gráfico 11 que os cinco principais setores pelos quais a China *transfere* horas de trabalho são, respectivamente: indústria têxtil; produtos de informática; indústria de materiais elétricos; fabricação de máquinas e equipamentos NEC; e fabricação de mobiliário/outras indústrias transformadoras. Entre estes setores, o destaque recai indiscutivelmente sobre o setor de indústria têxtil: mesmo tratando-se de um setor com um baixo conteúdo tecnológico, a redução das transferências por este setor específico se mostra expressiva, saindo de aproximadamente 80 bilhões de horas de trabalho enviadas em 2006 para menos que a metade deste valor em 2014. Ademais, também é necessário destacar a estagnação das transferências de valor do setor de produtos de informática, mesmo a partir do histórico de ampliação das exportações e importações. Isto é, a comprovada ampliação das exportações e importações no setor de produtos de informática não vem alterando significativamente o processo de transferências de valor mediante este setor; nesta esfera, verificamos uma *estabilidade* em termos absolutos, e uma diminuição em termos relativos ao total transacionado.

Já os cinco principais setores pelos quais a China *recebe* horas de trabalho são todos de baixo conteúdo tecnológico, sendo eles, respectivamente: produção vegetal e animal, caça e atividades dos serviços relacionados; silvicultura e exploração madeireira; hotéis e restaurantes; pesca e aquicultura; outras atividades de serviço. Contudo, a absorção de valor demonstrada no Gráfico 10 corrobora para o argumento de que existe uma tendência estabelecida de redução das transferências e de ampliação do recebimento de valor, mesmo que em setores que possuem um baixo conteúdo tecnológico.

Neste sentido, a partir de todo acúmulo até aqui construído, conclui-se que o processo de transferências de valor tem sofrido transformações positivas, mesmo que gradativamente. A comprovada tendência de redução expressiva das transferências demonstra que a trajetória de crescimento da economia chinesa se apresenta como um fator relevante para a atual posição da China na dinâmica de transferências de valor. Entretanto, os gráficos evidenciam que a China ainda precisava avançar na posição de receptora de valor, uma vez que o recebimento de valor ocorria, até 2014, ainda em poucos setores e de baixo conteúdo tecnológico.

6. Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi realizar uma análise dos fluxos de valor resultantes das trocas internacionais chinesas, no período de 1995 a 2014. Com esse propósito, primeiramente avaliamos parte da literatura existente acerca do processo de transferência de valor via mercado mundial, considerando a hipótese da presente relação de subordinação entre economias centrais e periféricas. Neste sentido, realizamos uma breve contextualização histórica para auxiliar na

elucidação dos fatores que permitiram o surgimento da teoria da dependência e na elaboração da definição de *troca desigual* utilizada no decorrer do trabalho.

Em seguida, entendendo que a dinâmica de transferências de valor via comércio internacional pode ter sido influenciada pela recente trajetória de crescimento econômico da China, foi desenvolvido um processo investigativo para melhor compreender as estratégias adotadas pelo Estado chinês que viabilizaram tal trajetória. A partir disto, concluímos que existe um somatório de particularidades que explicam a posição atual da China na geopolítica contemporânea, formadas nos anos seguintes à Revolução de 1949. A adoção do sistema de socialismo de mercado permite a gravitação das diversas formas de propriedade presentes na China em torno do setor público; além disso, nota-se a existência de um conjunto de grandes conglomerados empresariais estatais (responsáveis por executar as principais tarefas do Estado e operar em setores estratégicos da economia, gerando ciclos de acumulação e demandas para o setor privado) e de um robusto setor financeiro de caráter público.

Estabelecidos estes fatos, uma averiguação do ponto de vista quantitativo e qualitativo das exportações e importações chinesas foi realizada, a partir da elaboração de gráficos que situam, além dos principais parceiros comerciais e a composição setorial destas transações, sua proporção individual dos setores e países. Assim, a partir desta minuciosa análise, foi possível observar a ampliação da quantidade de dinheiro paga para cada hora trabalhada em dois setores específicos: no âmbito das exportações, verificamos que o setor de indústria têxtil obteve uma ampliação de 327,14% e o setor de produtos de informática atingiu uma ampliação de 277,55%; já nas importações, verificamos uma ampliação de 82,33% para o setor de indústria têxtil e 41,43% para o setor de produtos de informática.

Por conseguinte, ao verificar as transformações no âmbito das transferências, identificamos duas tendências ocorrendo em simultâneo: de *redução significativa* e/ou estagnação das transferências de valor (principalmente no setor de indústria têxtil e no setor de produtos de informática, em consonância com o que foi apontado anteriormente); de *ampliação* do recebimento de valor, embora ainda em menor grau e em setores que possuem um baixo conteúdo tecnológico.

Referências

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators .2023**. Disponível em <https://data.worldbank.org/>. Acesso em 13 de agosto de 2023, 2023.

BETTELHEIM, Charles. Comentários teóricos de Charles Bettelheim. In: EMMANUEL, Arghiri. **A troca desigual**. Lisboa: Editorial Estampa, 1973. v. II. p. 25–80.

BORGES, Rodrigo E. S.. Trajetória e desafios da teoria marxista da dependência: contribuições e propostas. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 14, n. 1, p. 373–385, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/48963>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

EMMANUEL, Arghiri. **A troca desigual**. Lisboa: Editorial Estampa, 1973. v. 1.

FRANKLIN, R. S. P.; BORGES, R. E. S. . Transferência de valor e troca desigual no Brasil de 1995 a 2009. In: XXV Encontro Nacional de Economia Política, 2020, online. **Anais do XXV Encontro Nacional de Economia Política**, 2020.

FRANKLIN, Rodrigo S. P. **Teoria da dependência: categorias para uma análise do mercado mundial**. 2015. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FRANKLIN, Rodrigo S. P.; BORGES, Rodrigo; SÁNCHEZ, César; *et al.* Skilled Labour and the Reduction Problem: Questioning the Exploitation Rate Equalization Hypothesis. **World Review of Political Economy**, vol. 13, n. 3, 2022. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/48691463>> . Acesso em 21 nov. 2023.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China: O socialismo do século XXI**. [S.l.]: Boitempo Editorial, 2021.

LEONTIEF, Wassily. **A economia do insumo-produto**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OCHOA, E. M. Values, Prices and Wage-Profit Curves in the U.S. Economy. **Cambridge Journal of Economics** 13 (3): 413–429, 1989.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 69-136**, 2000.

RODRIGUES, Lucas. **Concorrência, vantagens absolutas e desenvolvimento desigual: uma abordagem a partir de Marx**. 2014.

SHAIKH, A. M.; TONAK, E. A. **Measuring the Wealth of Nations: The political economy of national accounts**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1994.

TIMMER, Marcel P. et al. **An anatomy of the global trade slowdown based on the WIOD 2016 release**. Groningen Growth and Development Centre, University of Groningen, 2016.

TIMMER, Marcel P. et al. An illustrated user guide to the world input–output database: the case of global automotive production. **Review of International Economics**, v. 23, n. 3, p. 575-605, 2015.